

AMY KATHLEEN RYAN

EM BUSCA DE UM NOVO MUNDO

BRILHO

A ESTREIA MAIS FASCINANTE DESDE JOGOS VORAZES



BRILHO

Amy Kathleen Ryan

BRILHO

VOLUME UM DE
EM BUSCA DE UM NOVO MUNDO

TRADUÇÃO
Ana Death Duarte



Título original:

Glow

Copyright © 2012 by Amy Kathleen Ryan

1ª edição — Outubro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009

EDITOR E PUBLISHER

Luiz Fernando Emediato

DIRETORA EDITORIAL

Fernanda Emediato

PRODUTORA EDITORIAL E GRÁFICA

Priscila Hernandez

ASSISTENTE EDITORIAL

Carla Anaya Del Matto

CAPA

Alan Maia

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Megaarte Design

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Leoclícia Alves

Carmen Garcez

REVISÃO

Karina Gercke

Luciana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ryan, Amy Kathleen

Brilho / Amy Kathleen Ryan ; tradução Ana Death Duarte. —
São Paulo : Geração Editorial, 2012.

Título original: *Glow*.

ISBN 978-85-8130-073-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-10496

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax : [+55 11] 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: @geracaobooks

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Para Alice

Devemos ser como uma cidade sobre uma colina. O olhar de todas as pessoas recai sobre nós. Assim, se agirmos em falso com nosso Deus nesta obra que assumimos, sendo a causa da retirada de Sua ajuda a nós, teremos criado uma história cheia de profanação pelo mundo.

JOHN WINTHROP, membro fundador da Bay Colony de Massachusetts,
em sua obra intitulada *Um modelo de caridade cristã*, de 1630

Por todo o empíreo, eles caíam:
Impelidos precipitadamente do alto céu...

JOHN MILTON, *O paraíso perdido*





1

NAVES GÊMEAS

Proposta

A outra nave pendia no céu como um pingente prateado banhado pela luz etérea da nebulosa. Waverly e Kieran, deitados sobre um monte de feno, revezavam-se em turnos para espiar através de um telescópio. Sabiam que a outra era uma nave irmã, mas ali fora, na vastidão do espaço, poderia ficar minúscula, quase invisível, ou tão imensa quanto uma estrela... Não havia pontos de referência.

— Nossas naves são tão feias — disse Waverly. — Já tinha visto fotografias, mas assim ao vivo...

— Eu sei — disse Kieran, tomando-lhe o telescópio. — Parece que têm um tumor ou algo do tipo.

A outra nave, a New Horizon, tinha exatamente o mesmo contorno irregular da Emyprean¹: a forma de um ovo, coberta de domos que abrigavam seus diversos sistemas, o que a fazia parecer uma alcachofra de Jerusalém, do tipo que a sra. Stillwell sempre deixava com a família de Kieran depois da colheita do outono. Os motores liberavam um brilho azulado que iluminava as partículas da nebulosa, fazendo com que o bolsão de hidrogênio soltasse ocasionalmente faíscas que flutuavam no espaço. É claro que as

1 A palavra empyrean vem do latim medieval, que por sua vez se origina do grego antigo, e se refere ao lugar mais alto no céu, onde moram os deuses, santos e bem-aventurados, lugar supremo, o Empíreo, aquele que, segundo os antigos cosmologistas, era ocupado pelo elemento fogo. (N. da T.)

naves estavam em rápida aceleração quando faziam isso, não sofrendo danos com as pequenas explosões.

— Você acha que eles são como nós? — perguntou Waverly.

Kieran puxou-a de leve segurando uns cachos dos cabelos castanho-escuros.

— É claro que são. A missão deles é a mesma que a nossa.

— Eles devem querer algo de nós — disse ela —, ou não estariam aqui.

— O que poderiam querer? — perguntou Kieran para acalmá-la. — Tudo o que temos, eles também têm.

No fundo, Kieran admitia que era muito estranho o fato de poderem ver a outra nave. A *New Horizon* deveria, na verdade, estar a trilhões de quilômetros à frente deles, considerando que fora lançada um ano antes da *Empyrean*, havia quarenta e três anos. Desde que as naves tinham deixado o sistema solar da Terra, nunca haviam sequer vislumbrado a presença uma da outra. Por algum motivo, a *New Horizon* reduzira sua velocidade de forma a permitir que a *Empyrean* a alcançasse. Aliás, levando-se em conta a distância e a velocidade de ambas, a *New Horizon* parecia ter desacelerado havia anos... Um desvio radical do plano da missão.

A presença da outra nave se tornara uma fonte de animação para os tripulantes da *Empyrean*. Algumas pessoas tinham preparado grandes placas com os dizeres “Sejam bem-vindos” em letras avantajadas, e as tinham pendurado nos portais que apontavam para a outra nave. Outros estavam tomados por desconfianças, e em sussurros diziam que a tripulação da *New Horizon* deveria estar enfrentando alguma enfermidade... Caso contrário, por que motivo o capitão não os deixaria subir a bordo da *Empyrean*? O capitão Jones havia anunciado, logo depois que a *New Horizon* surgira, que ele e o líder da outra nave estavam engajados em negociações e que tudo seria explicado. No entanto, haviam se passado dias e nada mudara. Logo, a agitação entre a tripulação deu lugar à inquietação e, por fim, ao medo.

A *New Horizon* era tudo aquilo que os pais de Kieran tinham falado. Na noite anterior, ele tomava colheradas de sopa de legumes, sem fazer barulho, atento ao que os pais falavam da nave.

— Não entendo por que o capitão não se pronuncia novamente — dissera a mãe, Lena, passando nervosamente os dedos por seu cabelo de um dourado escuro. — O Conselho Central deveria pelo menos nos dizer o que está acontecendo, não?

— Tenho certeza de que haverá um pronunciamento quando compreenderem a situação — replicara, irritado, o pai de Kieran. — Não temos nada a temer.

— Eu nunca disse que estava *com medo*, Paul — dissera Lena, com o olhar voltado para Kieran, não conseguindo esconder quão temerosa realmente estava. — Acho estranho, só isso.

— Kieran — o pai se dirigira a ele em um tom firme —, o capitão Jones mencionou a nave?

Kieran balançara a cabeça em negativa, embora tivesse notado que, nos últimos dias, o capitão parecia mais preocupado e seu Mal de Parkinson havia piorado, fazendo suas mãos tremerem o tempo todo. Todavia, não tinha lhe dito nem ao menos uma palavra que fosse sobre o misterioso aparecimento da New Horizon.

— É claro que ele não falaria nada sobre isso *a mim* — Kieran respondera.

— Bem — dissera a mãe enquanto batia de leve com os dedos, pensativa, em sua xícara de chá. — Nada explícito, é claro, mas...

— Aconteceu uma coisa... — falara Kieran devagar, desfrutando o modo como seus pais esperavam pelas palavras que diria a seguir. — Fui ao gabinete do capitão cedo demais ontem, e ele estava desligando a estação de comunicações e falando sozinho.

— E o que ele estava dizendo? — quisera saber Lena.

— Só consegui captar uma palavra. Ele disse “mentirosos”.

Seus pais olharam um para o outro demonstrando genuína preocupação. As rugas no rosto de Paul estavam mais acentuadas, e os dentes de Lena apertavam seu lábio inferior, o que fizera Kieran lamentar ter contado o que ouvira.

Agora, sentindo-se confortável e seguro com Waverly, Kieran havia decidido que faria perguntas ao capitão antes da transmissão daquele dia. Ele

poderia não gostar do que Kieran perguntaria, mas o garoto achava que seria possível arrancar alguma informação. Afinal, Kieran era o queridinho do capitão Jones.

Mas isso ficaria para depois. Havia um motivo importante para ele ter pedido que Waverly o encontrasse ali, e não via nenhum sentido em proteger o assunto, mesmo sentindo-se tão ansioso. Forçou a respiração para se acalmar.

— Waverly — disse ele, desejando que sua voz fosse mais grave. — Já estamos namorando faz um tempinho.

— Dez meses — disse ela, sorrindo. — Mais tempo ainda se contarmos nossos beijos na escola primária.

Waverly envolveu o maxilar dele com a mão em concha. Ele amava aquelas mãos e as sentia cálidas e macias. Amava seus longos braços, os ossos fortes sob a pele cor de bronze, e os cabelos sedosos que caíam delicadamente sobre os ombros. Deitou-se sobre o monte de feno e inspirou fundo.

— Você sabe que não suporto você — disse ele.

— Também não suporto você — ela sussurrou-lhe ao ouvido.

Ele puxou-a mais para perto de si.

— Eu estava pensando em levar nosso desafio ao próximo nível.

— Combate “mano a mano”?

— Por assim dizer... — disse ele em um tom vulnerável, com um fiozinho de voz.

Waverly estava indecifrável da maneira como o olhava, esperando, sem falar nada. Kieran afastou-se dela, apoiando-se no cotovelo.

— Quero fazer as coisas do jeito certo. Não quero simplesmente me jogar na cama com você.

— Quer se casar comigo?

Ele prendeu a respiração. Ainda não tinha feito o pedido a ela, não até o fim, mas...

— Nem mesmo tenho dezesseis anos — foi o que ela disse.

— Sim, mas você sabe o que dizem os médicos.

Ele falara a coisa errada. A expressão no rosto de Waverly ficou endurecida. Ele notou rapidamente a mudança em sua fisionomia.

— Quem liga para os médicos?

— Você não quer ter filhos? — ele perguntou, mordendo o lábio inferior.

Waverly abriu um sorriso, lenta e deliciosamente.

— Sei que você quer.

— É claro que sim. É nosso dever! — disse ele num tom sério e fervoroso.

— Nosso dever... — disse ela, como se suas palavras ecoassem as de Kieran, mas sem encará-lo.

— Bem, acho que esta é a primeira vez que pensamos no futuro. — Os imensos olhos dela moveram-se depressa para fixarem-se nos dele. — Quero dizer, *nosso* futuro, *juntos*.

Não era daquele jeito que ele queria tê-la pedido em casamento.

Waverly encarou-o com uma expressão rígida, até que lentamente um sorriso insinuou-se em sua face.

— Você não preferiria casar-se com Felicity Wiggam? Ela é mais bonita do que eu.

— Não é não — foi o comentário automático de Kieran.

Waverly ficou analisando-o.

— Por que você parece tão preocupado?

— Porque... — disse ele ofegante.

Ela puxou o rosto dele para junto do seu, acariciando-o nas bochechas com as pontas rechonchudas de seus dedos, e sussurrou:

— Não se preocupe.

— Então... você aceita?

— Um dia — disse ela em tom divertido. — Provavelmente.

— Quando? — quis saber Kieran, e seu tom de voz soou mais insistente do que tinha desejado.

— Um dia desses — respondeu ela, antes de beijá-lo com gentileza na ponta do nariz, no lábio inferior e na orelha. — Achei que você não gostasse do fato de eu não ser religiosa.

— É algo que pode ser mudado — Kieran disse, provocando-a, embora soubesse que não seria uma tarefa fácil.

Waverly nunca ia aos precários serviços religiosos da nave, mas poderia ir se houvesse um pastor ali, pensou Kieran. As poucas pessoas com inclinações religiosas a bordo alternavam-se e durante seus encontros faziam o sermão, alguns deles bem... maçantes, na verdade. Isso era muito ruim. Se a nave tivesse um líder espiritual forte, Waverly poderia ver as coisas de um jeito diferente, e entenderia o valor de uma vida contemplativa.

— Talvez quando você tiver filhos — disse ele —, passe a se importar mais com Deus.

— Talvez a mudança ocorra em você. — Um canto da boca de Waverly curvou-se em um sorriso malicioso. — Tenho meus planos para transformá-lo em um pagão, como o restante de nós.

Kieran deu risada e deitou a cabeça no peito dela, podendo assim ouvir os batimentos cardíacos enquanto Waverly respirava suavemente. Esse som sempre o relaxava, e deixava-o com vontade de dormir.

Ele com dezesseis anos, e ela com quinze, eram as duas crianças mais velhas a bordo da *Empyrean*, e o relacionamento dos dois parecia natural, além de ser até mesmo esperado pelo restante da tripulação. No entanto, mesmo que não houvesse pressão social, Waverly seria a primeira escolha de Kieran. Ela era alta e esguia, e seus cabelos caíam em volta de seu rosto como uma moldura de mogno. Era uma menina viva e inteligente, qualidades que transpareciam na maneira confiante com que os olhos dela encontravam seu alvo e nele permaneciam, com firmeza.

Waverly enxergava o interior das pessoas e entendia suas motivações de um jeito que Kieran achava quase enervante, embora fosse uma qualidade que ele respeitava. Definitivamente, Waverly era a melhor garota a bordo. E se Kieran fosse escolhido como sucessor do capitão Jones, como todos presumiam, Waverly seria a esposa perfeita.

— Ah, não! — Ela apontou para o relógio acima da porta do armazém. — Você não está atrasado?

— Droga! — exclamou Kieran. Ele se levantou depressa e calçou os sapatos. — Tenho que ir.

Antes de sair, deu um beijo rápido na namorada.

Kieran corria em meio ao ar úmido do pomar, desacelerando um pouco o passo entre as fileiras de cerejeiras e pessegueiros, e usou um atalho, passando pela incubadora de peixes, desfrutando o vapor salgado no rosto. Seus pés golpeavam o estrado de metal, mas deu uma escorregada e parou quando a sra. Druthers surgiu do nada, carregando um tubo cheio de peixes usados como iscas.

— Nada de correr na área da incubadora dos peixes! — disse ela em tom de reprimenda.

Mas ele já não estava mais ali, e corria pelos corredores de trigo verde, onde recipientes que armazenavam a colheita pendiam de ganchos nas paredes e no teto, tremendo com o trepidar dos motores. Levou cinco minutos para chegar até a extremidade dos campos de trigo, e então fez uma curta caminhada pela câmara de cultivo de cogumelos antes de uma viagem de elevador aparentemente infinita, subindo em direção aos aposentos do capitão, onde deveria começar a gravar sua apresentação dentro de quatro minutos.

O estúdio, na verdade, era uma pequena antecâmara que ficava do lado de fora do gabinete do capitão, mas era ali que o chefe preferia gravar seus *webcasts*. A câmara tinha fileiras de grandes janelas cuja vista era a nebulosa que a *Empyrean* vinha cruzando ao longo do último ano e meio. Abaixo das janelas ficavam sofás baixos, dispostos lado a lado, onde qualquer um poderia sentar-se para observar a apresentação de Kieran para as crianças da Terra, ou a outra, mais longa, do capitão, que transmitia as notícias para os adultos. Na frente dos sofás havia uma câmera pequena, porém de alta sensibilidade, e acima deles uma fileira de lâmpadas de tungstênio, quartzo e halogênio que iluminavam a escrivaninha à qual Kieran se sentava para relatar as novidades.

Havia umas poucas pessoas no estúdio e Kieran passou por elas apressado e foi direto até a cadeira em que Sheryl o esperava com sua esponja de pó compacto na mão.

— Você anda chegando bem em cima da hora nos últimos dias — comentou ela, limpando o suor do rosto dele. — Está todo suado.

— Isso nunca aparece na câmera.

— Mas sua respiração ofegante, sim.

Sheryl usou um pequeno ventilador para secá-lo, o que proporcionou a Kieran uma sensação maravilhosa. Depois ela passou o pó de arroz por todo o rosto.

— Você precisa ser mais aplicado.

— Só estamos gravando. Não podemos enviar nada até estarmos fora da área da nebulosa.

— Você sabe quanto o capitão gosta de manter os arquivos atualizados — disse ela, mas revirou os olhos.

O capitão às vezes era detalhista demais.

Kieran não sabia por que ainda se davam ao trabalho de gravar os *webcasts*... Durante anos, eles não tinham recebido nenhuma comunicação vinda da Terra. A *Empyrean* estava tão longe de sua terra natal que qualquer sinal de rádio levaria anos para alcançar seu destino. E, no momento em que isso ocorresse, estaria tão distorcido que seria necessária uma boa correção antes que a mensagem pudesse ser compreendida. Kieran talvez nunca viesse a saber se havia alguém lá na Terra ouvindo seus noticiários, o que fazia com que se sentisse um representante de precisamente... nada.

Kieran examinou seu reflexo no espelho, ainda indeciso em relação a sua aparência. Bem que podia ser um pouco bonito, pensou, se seu nariz não fosse tão torto, e se não tivesse um queixo tão quadrado. Ao menos seus olhos cor de âmbar não eram uma parte ruim de suas feições, e ele tinha belos cabelos cor de ferrugem que caíam em desalinho como um monte espesso sobre a testa. Achou que estava bem daquele jeito, mas Sheryl passou um pente umedecido pelos cachos rebeldes, tentando alisá-los.

O capitão Jones pôs-se de pé atrás de Sheryl. Era um homem alto, um pouco barrigudo. Os dedos grossos tremiam, e ele pôs-se a caminhar de um lado para outro, parecendo não ter propósito nenhum. Na verdade, o

capitão era o homem mais audaz na nave, rápido em suas decisões, quase sempre certas. Todos os homens da tripulação confiavam nele, embora Kieran tivesse notado que era menos popular entre as mulheres.

O capitão franziu o cenho enquanto olhava para Kieran com um ar de desaprovação, mas ele não se importou com isso, pois sabia que o homem gostava muitíssimo dele.

— Kieran, você passa tempo demais com Waverly Marshall. Eu deveria tomar alguma atitude quanto a isso.

Kieran forçou-se a sorrir, embora não gostasse quando o capitão falava daquele jeito de Waverly, como se fosse dono dela e estivesse apenas emprestando-a a ele.

— Posso confiar em você? Ensaiei? — perguntou-lhe o capitão, com as sobrancelhas ainda abaixadas, em uma tentativa de parecer austero. Solto uma bufada de ar, agitando os fios grisalhos de sua barba, que ele alisou com o polegar e o indicador.

— Li o texto duas vezes ontem à noite.

— Em voz alta? — pressionou o capitão, com uma pontada de humor.

— Sim!

— Que bom!

O capitão entregou um *data-dot*² a Sammy, o técnico que estava preparando o *teleprompter*.

— Fiz algumas pequenas mudanças no final, Kieran. Sinto muito, mas você vai ter que se virar. Eu tinha planejado discutirmos antes da apresentação, mas você chegou atrasado.

— Quais são as mudanças?

— Apenas uma leve menção a nossos novos vizinhos — informou o capitão, tentando parecer indiferente. Porém, quando olhou para fora do portal, solto um suspiro pesado.

— O que está acontecendo? — quis saber Kieran, tentando ele mesmo

2 *Data-dot*: texto ou imagem reduzido, em um microfilme, basicamente uma escrita cifrada para proteção da mensagem. (N. da T.)

soar despreocupado. Todavia, quando seus olhos se depararam com os do capitão Jones, o fingimento se desvaneceu. — Por que eles diminuiram a velocidade?

O capitão piscou algumas vezes do modo estranho como costumava fazer, mexendo as pálpebras rapidamente enquanto deixava à mostra só a esclera, a parte branca dos olhos.

— Eles têm uma nova capitã ou... líder, e não gosto do modo como ela fala.

— Como ela fala? — Kieran quis saber, mas o insistente e frenético Sammy o cutucou com o dedo.

— Trinta segundos — disse o rapaz.

— Mais tarde eu conto — disse o capitão Jones, conduzindo Kieran a seu assento na frente da câmera. — Tenha uma boa apresentação.

Inquieto, Kieran colocou as palmas das mãos estiradas sobre a escrivaninha de carvalho à sua frente. Em seguida, assumiu o sorriso afável que empregava no início de todos os *webcasts* e ficou observando a abertura que fora editada.

O vídeo iniciava com a tripulação da *Empyrean*, incluindo os pais de Kieran — jovens e cheios de vigor —, transplantando mudas de tabaco em um viveiro coberto. Depois vinha uma cena de médicos com toucas brancas inclinados sobre uma fileira de tubos de ensaio, injetando amostras cuidadosamente com o auxílio de longas seringas. Por fim, havia uma imagem das 252 crianças a bordo da *Empyrean*, de pé nos jardins familiares, cercadas por macieiras e pessegueiros, além de videiras que subiam pelas paredes e cestos de cenouras, batatas e aipos frescos. A imagem tinha como propósito transmitir a ideia de plenitude e prosperidade, de modo que as pessoas que passavam fome na Terra pudessem acreditar na missão.

A luz no alto da câmera piscou, e então Kieran deu início à apresentação.

— Sejam bem-vindos à *Empyrean*. Meu nome é Kieran Alden — disse. — Hoje vocês vão conhecer o que acontece em nosso laboratório de fertilidade. Como devem saber, em uma viagem espacial de longa duração as

mulheres podem enfrentar problemas para engravidar e dar a luz a bebês saudáveis. Durante seis anos, mulheres a bordo da *Empyrean* tentaram engravidar, sem obter sucesso. Esse foi um período tenso, pois se não pudessem gerar filhos para substituir a tripulação original, então não haveria nenhum sobrevivente para povoar a Terra Nova. Criar a próxima geração sempre foi o aspecto mais importante desta missão. Assim, preparamos um vídeo para que vocês vejam como nossa equipe de cientistas resolveu o problema.

A câmera fez uma passagem gradual para a tela atrás de Kieran, que exibia as imagens do laboratório de fertilidade. Ele teve alguns minutos para recuperar o fôlego enquanto o vídeo estava sendo exibido.

De repente, ao fundo do estúdio, houve uma súbita agitação. Winona, a bela secretária do capitão Jones, entrou correndo e sussurrou algo ao ouvido dele. O velho saiu apressado da sala.

Kieran continuou assistindo ao vídeo, que mostrava momentos de seu próprio parto. Era um garoto tímido e, certamente, sentiu-se desconfortável ao pensar que toda a espécie humana saberia como ele era, viscoso e aos berros depois de sair do útero de sua mãe. Mas já estava acostumado. Fora o primeiro nascimento bem-sucedido no espaço.

A ocasião fora motivo para uma grande celebração, não apenas na *Empyrean*, mas provavelmente também na Terra, e por esse motivo ele fora escolhido para ser o apresentador das transmissões da *Webvision*. No entanto, Kieran nunca participava da pauta do programa; apenas lia as notícias. Seu trabalho era muito simples: dar às pessoas da Terra um motivo para acreditar que a vida que se originara no velho planeta não seria extinta. Dar a todos a esperança de que, se eles mesmos não pudessem emigrar para o novo lar, possivelmente seus netos conseguiriam.

O vídeo estava chegando ao fim, e Kieran endireitou-se na cadeira.

— Cinco, quatro, três... — sussurrou Sammy.

— Infelizmente, as coisas não saíram muito bem em nossa nave irmã, a *New Horizon*. Embora os cientistas deles tenham trabalhado arduamente, as mulheres a bordo da nave nunca chegaram a engravidar.

O coração de Kieran martelava-lhe o peito. Nunca ouvira aquilo antes. Até onde ele e todos sabiam, havia muitas crianças a bordo da New Horizon, assim como na Empyrean. Agora se dava conta de que a comunicação entre as duas naves tinha sido mínima por um longo período. Teria sido intencional?

Sammy, cujo rosto ficara pálido por trás dos óculos, gesticulou aflito para que Kieran continuasse lendo.

— Ninguém sabe por que a New Horizon manteve segredo sobre os problemas de fertilidade que estava enfrentando — prosseguiu ele —, mas recentemente diminuíram sua velocidade para poderem se encontrar com a Empyrean. Então, o encontro de nossas naves acontecerá em breve.

A música tema teve início, uma melodia alegre com piano e instrumentos de corda. Kieran tentou fazer com que a própria voz parecesse tão animada quanto a música.

— Esta foi a transmissão do programa 247 da Webvision, gravado no estúdio da Empyrean. Meu nome é Kieran Alden, e me despeço de vocês.

Quando a música foi sumindo gradualmente, Kieran ouviu gritos. O capitão, em geral calmo e controlado, gritava tão alto que o garoto conseguia ouvi-lo através das paredes de metal de seu escritório.

— Não me importa o que você *acha* que vai fazer! Você não vai pisar nesta nave até que eu analise a situação com o meu Conselho Central! — Ficou em silêncio por um instante, mas logo começou a gritar de novo, e ainda mais alto. — Não estou me recusando a ir a uma reunião. Venha você a bordo em um traje espacial e discutiremos!

Silêncio.

— Não entendo por que você precisa trazer a sua tripulação inteira, madame, se tudo o que deseja é conversar!

Outro silêncio, carregado de raiva. Quando o capitão se pronunciou novamente, usou um tom intimidador disfarçado de calma.

— Nunca lhe dei motivo para desconfiar de mim. Nunca *menti* para você, nem me desviei da missão sem apresentar uma justificativa... Ah, isso é

baboseira paranoica! Não houve sabotagem nenhuma! Estou sempre repetindo isso!

Kieran ouviu o capitão andando de um lado para outro. Sentia-se mal em ficar escutando a conversa, mas não conseguia parar de fazê-lo. Com o silêncio que se instalara na sala, ninguém podia deixar de ouvir o capitão.

— Se nossas duas naves não podem trabalhar em conjunto...

De repente, Sammy voltou à atividade. Ligou alguns interruptores no console do estúdio até que a tela atrás da escrivaninha de Kieran reluziu com uma imagem da lateral a estibordo da *Empyrean*.

Alguém na sala arfou.

A *New Horizon* agigantava-se na tela, imensa e tenebrosa, perto demais a ponto de os portais individuais serem vistos a olho nu. A princípio, Kieran achou que a imagem devia estar ampliada, mas ao sentir o estômago apertar-se, soube que não era esse o caso. No curto período em que fezera sua apresentação, a *New Horizon* tinha cruzado os 300 quilômetros que distanciavam uma nave da outra e estava agora navegando no espaço sideral lado a lado com a *Empyrean*, muitíssimo perto.

Por quê?

Kieran captou com sua visão periférica um movimento súbito, um minúsculo ponto que se movia como um inseto, vindo da *New Horizon* em direção à *Empyrean*. Por sua forma similar à de uma bala de arma de fogo, imaginou logo tratar-se de uma nave auxiliar, criada para transportar os colonizadores e seus equipamentos de naves maiores em missões curtas na superfície da Terra Nova.

Aquelas naves auxiliares não tinham sido projetadas para ser utilizadas em viagens no espaço sideral, nem para acoplagem de uma nave à outra, mas era o que estava acontecendo. Quem quer que estivesse a bordo planejava claramente aterrissar na *Empyrean*.

— Ah, meu Deus! — Sheryl sentou-se na cadeira de maquiagem e cobriu sua boca cor-de-rosa com ambas as mãos.

— Quantas pessoas aquela coisa transporta? — quis saber Sammy, parecendo assustado.

O capitão irrompeu de seu gabinete e apontou um dedo para Sammy.

— Isso é um ataque! — declarou ele. — Sammy, diga ao Conselho Central para que se encontre comigo no hangar das naves auxiliares a estibordo. — Depois de pensar um pouco, acrescentou: — Chame um esquadrão de segurança também. Que diabo! Chame *todos* os seguranças!

O coração de Kieran batia descontroladamente. Sua mãe fazia parte de um dos esquadrões voluntários de segurança, trabalhando de vez em quando para intermediar e resolver alguma desavença entre membros da tripulação ou para ajudar durante algum evento da comunidade. Os esquadrões nunca portavam armas.

— O que está acontecendo, capitão? — perguntou Kieran, e sua voz falhava.

O capitão colocou uma das mãos no ombro do garoto.

— Para ser honesto, Kieran — confessou —, simplesmente não sei.